ESPAÇOS LUMINOSOS E OPACOS

Na reflexão deste conceito, é necessário destacar, inicialmente, a longa duração do ideário da iluminação, bastando citar: "a luz da razão", "a luz da inteligência"; "a luz do espírito". À luz, associada ao conhecimento, à ciência, à arte superior e à metafísica, se opõe, tanto na religião como na ciência, à escuridão dos sentidos, às pulsões da carne, ao pecado e aos meandros mais ameaçadores da natureza. A luz, refletindo e permitindo o exercício da visão, constitui-se na síntese entre técnica e ação subjacente às propostas de evolução, progresso e controle dos aspectos mais renegados da existência. Seria o oposto dos pesadelos ancestrais associados à natureza descontrolada e, no presente, de ameaças que tanto renovam esses pesadelos como incluem o conhecimento trazido pelo avanço da ciência, como exemplificam as micro e nano formas de vida que se introduzem na (e são) matéria.

Há um nexo quase genético entre luz do espírito e iluminação da matéria, entre metafísica e espaço físico. Um nexo que conduz anseios de modernidade e de modernização. A luz também escolhe, seleciona e oculta, engrandecendo espaços, transformados em espaços luminosos, e esmaecendo ou esquecendo outros, abandonados em sua opacidade. Uma opacidade que se aproxima da falta de importância, do desinteresse, do literal apagamento e do radicalmente negativo. Os espaços opacos seriam espaços da sobrevivência, enquanto os espaços luminosos seriam espaços de reconhecimento, da valorização e, enfim, da vida plena, clean e justa que, envolta em beleza, não teme se expor e, até mesmo, se oferece à exposição e às celebrações laicas.

Os espaços luminosos são mais do que espaços simplesmente iluminados. Os espaços luminosos, no meu entender, seriam produtos da razão que amplifica estrategicamente comandos da modernidade. Denotam a força da racionalização emanada do pensamento instrumental, que, ao selecionar o que tem ou não valor, é capaz de seduzir e convencer. Os espaços luminosos engrandecem a visão, oferecendo materializações imediatas e indícios da visão de mundo desejada e desejável. Nestes espaços, são criadas formas de leitura das hierarquias sociais e ativismos controlados pelas ofertas dos novos serviços. Os espaços luminosos são, portanto, ativos; mas, a sua condensação de atividades não se traduz em oportunidades de ação plena. Esta se encontra reserva aos detém o poder de criá-los e mantê-los sob as luzes do sempre mais moderno.

Esses espaços, carregados de técnica e dependentes da técnica, se propõem como manifestações do presente -> futuro. E, assim, se apresentam como dotados da flexibilidade / liberdade prometida pelo acesso excepcional aos produtos da última modernidade. São cada vez mais grandiosos, os equipamentos que permitem a iluminação excepcional. Milton Santos desconstrói a adesão a esses espaços, desejada instantânea pela ação dominante, através do reconhecimento da sua rigidez e da sua perigosa artificialidade, ao que acrescentamos que essas características dos espaços luminosos impossibilitam a elaboração de "visões de mundo" em pleno sentido.

O excesso de luz, produzido pela técnica e pela máquina, também traz cegueira. Este excesso, condutor das ações celebradas pela mídia hegemônica, impede a percepção de possibilidades de ação alternativa e, assim, de racionalidades alternativas. Relato, aqui, uma experiência recente. Há muito tempo, não olhava um céu estrelado. Recentemente, tive a oportunidade de fazê-lo. Para isto, caminhei sem ver durante certo tempo, pisando muito lentamente e de forma insegura. Para ver o que não via, precisei deixar de ver o que via sempre. Precisei trocar de cegueira.

Ao retornar pelo mesmo caminho, comecei a ver o que no momento anterior não conseguia ver, através de uma luz delicada, suave e apenas possível, correspondente ao acionamento de recursos orgânicos geralmente não utilizados. Teríamos, aqui, um exemplo da instrumentalização do corpo que direciona a ação para os espaços luminosos, ou melhor, de um ajuste social do corpo que explica a adesão coletiva aos espaços luminosos e a rejeição dos espaços opacos? Há uma adaptação muito mais forte do que conseguimos imaginar, num primeiro momento, às condições de habitabilidade oferecidas pelos espaços luminosos?

Em oposição aos espaços luminosos – celebrados e propícios à afirmação de celebridades – Milton Santos propôs a categoria espaço opaco. Este espaço seria orgânico e, por isto, efetivamente flexível, plástico e, não, pretensamente fluido, como ocorre com relação aos espaços luminosos.

A face mecânica possibilita e orienta a reflexão do artificialismo e dos automatismos presentes na vida social. Trata-se da existência de verdadeiros mecanismos de produção e reprodução da sociedade, que interferem, inclusive, no cotidiano. Já a face orgânica elabora os dispositivos associados à natureza da própria sociedade, seguindo, em seu permanente refazer, a preservação historicamente possível do ser social, que é, sempre, obra coletiva. Nesta face, vicejam a ação espontânea, os vínculos e normas sociais, inculcadas nos indivíduos e grupos sociais. Também dispomos para a reflexão deste paradigma, da obra de Marcel Mauss e de Maurice Godelier.

Em grosso modo, poderíamos dizer que os espaços luminosos, passíveis de interpretação com base no paradigma da mecânica, correspondem aos vetores mais avançados da produção, abrigados em ideários produtivistas. Já os espaços orgânicos, correspondem às formas inaugurais da vida que se inscreve e resiste nos espaços abandonados por sucessivas modernizações ou naquele espaço que "não importa". Trata-se do espaço da vida, do espaço de Eros, do espaço do alimento, da adoção e da sobrevivência dos muitos outros.

Para Milton Santos, os espaços opacos, representados como feios, sem interesse ou perigosos pelo pensamento dominante, oferecem materializações de racionalidades alternativas e saberes relacionados à apropriação socialmente necessária dos recursos disponíveis, possibilitando a sua multiplicação. São espaços com menos técnica e mais inventividade, com menos dominação e mais domínio, o que estimula a articulação entre esses espaços e a problemática trazida pela consideração do corpo na leitura do espaço-tempo. O espaço opaco instaura o enigma da invisibilidade do muitíssimo visível. Introduz, ainda, a importância que deve ser atribuída aos movimentos de iluminação de espaços opacos (como exemplifica a intervenção no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro) ou de extensão da opacidade a espaços luminosos (como exemplificam as áreas degradadas dos centros históricos).

Ainda seria relevante refletir a curta ou longa duração desses processos. A iluminação acompanha a lógica apoiada em eventos da promoção atual de cidades e lugares. Nesta direção, introduz ou substitui transformações estruturais, criando impedimentos simbólicos que retém formas populares, clandestinas ou os ensaios de apropriação do espaço urbano. A opacidade abriga-se, em geral, em determinantes estruturais e, logo, em processos de longa duração. Mas, também pode estar relacionada à subordinação de formas de produzir e de sobreviver. Caberia indagar, por outro lado, se a opacidade também não resultaria, por vezes, das próprias estratégias de sobrevivência dos setores populares.

Texto: **Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades**

Ana Clara Torres Ribeiro pg. 66-68